ACTIO

REVISTA DE ESTUDOS JURÍDICOS

AS NORMAS DA VIDA MONACAL NA REGRA DE SÃO BENTO: UM ESTUDO SOBRE O CÓDICE BENEDITINO

STANDARDS OF LIVING IN MONASTIC ARE RULE BENEDICT: A STUDY ON THE CODEX BENEDICTINE

Recebido em:	30.06.2015
Aprovado em:	14.07.2015

Marcos Roberto Pirateli [1]
Marcelo Augusto Pirateli [2]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre a Regra de São Bento. Nessa discussão, procurou-se mostrar como a sua proposta de vida pode ser apreendida pela Regra que legisla sobre as coisas necessárias para o convívio social e o bem comum. Essas normas, que tratam de diversos assuntos tais como disciplina, oração, trabalho, hierarquia, dentre outros, ordenam a vida dos monges e também da sociedade, ajudando os homens a dirigir suas ações. Os mosteiros adquirem assim uma função muito importante nesse novo período marcado pela violência e pela ausência de regras e leis no interior daquilo que restou do mundo romano.

PALAVRAS-CHAVE: São Bento; A Regra de São Bento; Mosteiro; Monge; Idade Média.

ABSTRACT

Investigation on the Rule of St Benedict is provided. The essay deals with the manner St Benedict's life proposal may be understood through his Rule which legislates on the essential factors required for social conviviality and the common good. The norms, which include such themes as discipline, prayer, work, hierarchy and others, regulate the monks' life and society's since they help people to govern their own activities. The monasteries have thus a special function during this new period which is characterized by violence and lack of norms and laws in what remained of the ancient Roman world.

[1] Professor Adjunto no Colegiado de História da Universidade Estadual do Paraná/*Campus* de Paranavaí.
[2] Professor do curso de Direito da Faculdade Maringá.

KEYWORDS: St. Benedict; Rule of St. Benedict; Monastery; Monk; Middle Ages.

1 INTRODUÇÃO

A Igreja, um dos órgãos fundamentais do Império Romano, teve continuidade na sociedade do ocidente, prolongando-se e desenvolvendo-se.

Segundo o historiador Ambrogio Donini[3], a passagem da Antiguidade para a Idade Média foi "um momento terrível, de guerras, de carestia, de epidemias e de exploração agravada das massas trabalhadoras, sobre as quais recaía o maior peso da crise".

A Igreja substituiu a organização estatal romana despedaçada. Isto é, ela organizou a produção e as relações de produção, o controle do tempo e do espaço; segundo Alain Guerreau[4], de uma "maneira mais geral, a Igreja apresenta-se como *a principal força motora do sistema feudal*, do Baixo Império até ao século XVI, pelo menos"; informou ainda, que a "Igreja foi a única instituição mais ou menos coextensiva do feudalismo da Europa Ocidental; nenhuma dominação foi tão geral e contínua"[5]. O historiador francês infere que isto foi garantido também pelo considerável patrimônio que conseguira administrar desde o Baixo Império. O clero, portanto, habilmente garantiu a existência dessa riqueza ao suprimir a herança (para citar um exemplo). Geograficamente, e politicamente, construiu-se as fronteiras da cristandade, organizadas localmente por unidades que se complementavam, como eram as dioceses, mosteiros, paróquias, entre outros; a somatória disto tudo resultou numa rede sólida e hierarquizada.

A Igreja e a moral que se apresentava para o mundo se caracterizavam pela renúncia do luxo material e pelo desprezo das alegrias que o mundo oferecia, substituindo-as pela felicidade da renúncia.

---

[3] DONINI, Ambrogio. **História do cristianismo**: das origens a Justiniano. Tradução Maria Manuela T. Galhardo. Lisboa: Edições 70, 1988. (Lugar da História, 10) .p.280.
[4] GUERREAU, Alain. **O feudalismo**: um horizonte teórico. Tradução António José Pinto Ribeiro. Lisboa: ed.70, 19--. (Lugar da História, 17) 1982. p.249.
[5] Ibid. p. 245.

Somando-se ao sentimento de descontentamento que havia na sociedade romana e o esgotamento dos prazeres proporcionados pela cultura, havia uma enorme disposição para dar acolhida a uma religião que revelava aos homens uma fonte nova de felicidade e salvação: a religião cristã.

A mentalidade religiosa que caracterizou esse período pode ser tomando do seguinte excerto de *A sociedade feudal* de Marc Bloch:

> Povo de crentes, diz-se facilmente, para caracterizar a atitude religiosa da Europa feudal. Nada será mais justo, se isso significar que toda a concepção do mundo da qual estivesse excluído o sobrenatural era profundamente estranha para os espíritos daquele tempo, e que, mais concisamente, a imagem que eles tinham dos destinos do homem e do universo se inscrevia quase unanimemente no desenho traçado pela teologia e pela escatologia cristãs; sob as suas formas ocidentais. A existência, aqui e além, de algumas dúvidas opostas às "fábulas" da Escrituras não tem importância; este cepticismo rudimentar, desprovido de qualquer base racional, que geralmente não existia nas pessoas cultas, na ocasião do perigo derretia-se como a neve ao sol[6] .

A doutrina cristã harmonizava com as aspirações e mentalidade das sociedades germânicas, pois se mostrava como a religião dos modestos e dos pobres de espírito. Era exaltada a humildade material e intelectual, pregando-se a simplicidade. Havia uma simpatia e afinidade entre os "bárbaros" e a Igreja; assim, esta instituição cristã ganhou força entre eles, respondendo as suas necessidades e aspirações, trazendo-lhes um reconforto moral que não encontravam em outro lugar. No entanto, tendo origem greco-latina, formando-se no mundo romano, a Igreja tinha como língua o latim. Desse modo, ao introduzir-se no interior desses povos, a Igreja introduzia a mesma civilização na qual se formou, adquirindo o caráter de educadora e normalizadora desses povos convertidos.

Esse é o momento em que os mosteiros emergiram como um importante papel dentro da Igreja, e, por extensão, na sociedade medieval.

2 O MONASTICISMO

[6] BLOCH, Marc. **A sociedade feudal.** Tradução Liz Silva. Lisboa: Edições 70, 2009. (Lugar da História, 6).2009.p108.

Assim sendo, nesse novo local, como exemplo o mosteiro criado por São Bento, tem-se um lugar próprio para o saber. Além disso, pouco tempo depois, Cassiodoro cria em suas propriedades o mosteiro de *Vivarium* que se tornou um protótipo para os demais mosteiros do ocidente que passaram a se constituir também como centros culturais, possuindo bibliotecas e escolas. Não obstante, o mosteiro não foi somente um lugar de preservação da cultura, pois nesse local resguardava-se a vida a partir da perspectiva do cristianismo. Nesse novo espaço, sagrado, será ensinado uma nova maneira de se viver e uma nova filosofia.

> Bem depressa os mosteiros obtiveram privilégios fiscais, por causa de sua pobreza, de sua utilidade social, por respeito por seu caráter sacro [...]. Bem depressa eles se tornaram centros econômicos, culturais, artísticos e sobretudo espirituais de primeiro plano[7].

No entanto, para ser cristão era necessário tornar-se adepto da fé, compartilhando crenças e ideias. Para dar a entender determinadas ideias e sentimentos era necessária uma ordem interna, com regulamentos próprios.

Os monges sob a regra constituíam um dos modelos de clérigo medieval. Paralelamente ao clero secular, que desempenhava suas ações em sociedade (sacramentos, entre outros), o clero regular surgiu como alguém que primeiramente procurou servir a Deus de forma solitária (ascese, contemplação), a chamada anacorese[8]. Tal comportamento se iniciou quando alguns cristãos optaram por fugir da superficialidade cristã com as conversões em massa durante a Antiguidade Tardia. O primeiro caso registrado foi de Santo Antão (251-356), e que por isso foi considerado o "pai dos monges", e viveu toda a sua vida no deserto egípcio. Diferente deste tipo de individualismo, o também egípcio Pacômio no século IV

[7] GRIBOMONT, Jean. Mosteiro. In: BERARDINO, Angelo Di (org.). **Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs**. Tradução Cristina Andrade. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002. p. 968.

[8] "A *anachôresis* era a fuga dos devedores falidos, até os confins do deserto, para subtraírem-se ao fisco (muitas vezes para viver de ladroeiras). Moisés e Davi fogem do Faraó ou de Saul, e o termo é aplicado a eles. Orígenes (*Hom. Jer.* 14,16 e 20,8) faz da anacorese do profeta um modelo religioso. A palavra é aplicada por Atanásio a Santo Antão, e se difunde, no grego, no sentido de desapego do mundo, ainda que só pelos costumes e desprendimento (S. Basílio, por ex.). Jerônimo e Cassiano latinizam a palavra, mas ela permanece reservada às formas mais prestigiosas da vida eremítica e passa com esta acepção às línguas modernas (GRIBOMONT, 2002, p. 89)".

reuniu uma comunidade de monges ao seu redor, e cuja ordem foi garantida com a elaboração de uma regra[9].

Ao lado do episcopado – que já exercia um protagonismo na Antiguidade Tardia – com o fim do Império romano os monges também passaram a exercer uma influência considerável na passagem da Antiguidade à Idade Média. A vida monástica representava, a rigor, um importante meio de desenvolvimento do cristianismo. Importa destacar que esse processo não seguiu inicialmente uma homogeneidade, o que justificou a necessidade da regulamentação; cite-se o caso de monges que, conforme vontades particulares se mudavam para outros monastérios. A exigência de uma regra fixa e única, normalizando o comportamento e espiritualidade cristãs, foi um dos motivos que levou, por exemplo, um asceta como Bento de Núrsia[10] se comprometer com essa unificação e regularização vida monacal[11].

São Bento não se apresenta como um fundador de Ordem no sentido moderno do termo, mas como um continuador da ascese cristã, como um genial compositor que

[9] FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A idade média, nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

[10] As informações sobre a vida de são Bento estão relatadas na obra *Dialogi de vita et miraculis patrum italicorum*, de Gregório Magno [Gregório nasceu no ano 540 no seio de uma família da aristocracia romana. Em 573 tornou-se *praefectus urbis*, o cargo civil mais alto que existia em Roma. Desempenhou essa função até 578, quando da sua conversão decidiu dedicar-se exclusivamente as coisas de Deus. Em 590 foi proclamado papa e consagrado na basílica de São Pedro. Gregório morreu em 12 de março de 604 (SINISCALCO; PIZZANI; BERARDINO, 2002)], no qual são narrados os feitos milagrosos e profecias de santos ascetas que viveram na Itália. Segundo nos informa Gregório, Bento nasceu em Núrcia entre os anos 480 e 490 e pertencia a uma família nobre. Cumpriu os estudos liberais em Roma, mas atraído pelo lugar deserto e querendo se dedicar a Deus foi aos Montes Simbruini onde viveu por três anos em grutas nos arredores de Subiaco. A fama de sua santidade começou a espalhar-se e outros monges o queriam como seu "pai". A experiência foi negativa até ao ponto de, por causa deles, sua vida correr perigo por não ter acontecido nenhum milagre. Voltou a viver solitariamente. Não obstante, a ele recorreram numerosos discípulos entre os quais havia dois jovens patrícios romanos desejosos de empreender a vida monástica. Decidiu então fundar doze pequenos mosteiros no vale do Anio, regido cada um por um abade próprio. Pela inveja e maquinações de um sacerdote conhecido como Florêncio, teve que abandonar aqueles lugares. Se dirigiu pela direção da Via Latina e chegou a Cassino, subindo um monte no qual se levantava um templo dedicado a Apolo. Ali, depois de ter derrubado o altar, construiu um mosteiro e organizou a vida dos monges que o haviam seguido; pregou o evangelho aos habitantes daquele lugar no tempo em que as incursões nômades eram freqüentes e causavam aflição e inquietude. São Bento morreu entre os anos de 550 e 560. Como disse Gregório Magno no seu *Dialogi* o homem de Deus teve fama devido aos muitos prodígios realizados e não menos brilhante foi a sua doutrina. São Bento compôs a *Regula monachorum* entre os anos de 545 e 553 (ZINCONE, 2002; SINISCALCO; PIZZANI; BERARDINO, 2002).

[11] DANIEL-ROPS [Henri Petiot]. **A igreja dos tempos bárbaros.** Tradução Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1991.

reelaborando temas tradicionais conseguiu compor uma obra clássica, válida para todos os tempos: "São Bento de Núrcia com a sua vida e a sua obra exerceu uma influência fundamental sobre o desenvolvimento da civilização e da cultura europeia" [12].

Segundo André Vauchez, o mosteiro, na aurora do período medieval, foi o espaço por excelência de oração, penitência e forma religiosa desta sociedade fortemente marcada pelo ato religioso (culto prestado a Deus):

> Durante a Alta Idade Média, a primeira destas duas concepções havia geralmente prevalecido, e o trabalho manual era considerado como uma penitência. A regra de São Bento atribui-lhe um lugar bastante amplo: na medida em que exige um esforço penoso, constitui para o monge um meio privilegiado de expiação e mortificação. A espiritualidade monástica vê a atividade laboriosa sobretudo como um remédio para a ociosidade, uma das perigosas armadilhas erguidas pelo Maligno àqueles aspiram à perfeição[13].

O monasticismo tornou-se uma entidade no Ocidente medieval; nos séculos X e XI, por exemplo, todos os monges seguiam a regra de São Bento, o que demonstra que a legislação medieval na Alta Idade Média tinha nesta regra um poderoso fundamento: "Mas era a regra beneditina, venerada e intocável que fixava os grandes princípios e as formas da vida religiosa. Esse monolitismo, imposto pela legislação carolíngia, encontrava-se perfeitamente adaptado a uma sociedade ainda simples e estática"[14].

Para Hilário Franco Júnior, os beneditinos por meio de sua espiritualidade e organização cumpriram o significativo papel de organização e evangelização após a queda do Império Romano:

> Desde fins do século III ocorria forte expansão do cristianismo nas cidades, onde a crise do Império Romano era mais sentida e, portanto, as condições para a cristianização mais favoráveis. O campo, sempre mais conservador, mantinha-se preso às suas antigas crenças, mesmo pré-romanos, daí *paganus* ("camponês") ter sido identificado ao não cristão. Com a decadência urbana e o consequente êxodo, o cristianismo penetrou no campo.

[12] BENTO XVI. **São Bento de núrcia**. Audiência Geral de 09 de abril de 2008, Vaticano. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409_po.html>. Acesso em: 11 de mar. 2011.
[13] VAUCHEZ, André. **A espiritualidade da idade média ocidental:** séc. VIII-XIII. Tradução Teresa Antunes Cardoso. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. (Nova História, 26).p.120.
[14] Ibid. p. 42

> Subsistiram, porém, ilhas de paganismo até o século VI nas regiões romanas e bem mais tarde nas germânicas. No processo de evangelização desses territórios, os mosteiros desempenharam papel superior ao dos bispados, presos às cidades. Em busca de isolamento, mas também de novas almas a converter para sua fé, os beneditinos alargaram as fronteiras da Cristandade ocidental. É significativo que o primeiro papa efetivamente preocupado com a conversão de novas áreas tenha sido um monge, Gregório Magno (590-604)[15].

Todavia, isso não foi simples imitação, posto que foram necessárias as adaptações à realidade e aos interesses ocidentais. O monacato ocidental é marcado pela suas particularidades e semelhanças com o oriente.

O caso é que no Ocidente a Regra de São Bento – elaborada em 534 – foi a primeira vez que se observou uma experiência comunitária monacal ordenada por uma regra que, mesmo respeitando a tradição anterior, apresentou novidades próprias e importantes à sua conjuntura. Em linhas gerais, o cerne da regra se resume no princípio do *ora et labora* [oração e trabalho] e espiritualidade tripartida (castidade, pobreza e obediência):

> A tradicional trilogia monástica – castidade, pobreza e obediência – estava presente de forma concreta e equilibrada no cotidiano dos beneditinos. O abade eleito pelos monges recebe dele total obediência, que representa ao mesmo tempo uma manifestação de pobreza, pois não pode dispor sequer da própria vontade. A pobreza, por sua vez, não é entendida como falta ou miséria, mas posse do estritamente necessário, daí o monge não pode ter nada de seu, apesar de o mosteiro possuir propriedades recebidas em doação. A castidade, sendo negação da posse do próprio corpo, também é uma forma de pobreza sendo negação do usufruto do próprio corpo, é uma forma de obediência. A obediência, sendo uma renúncia, é ainda uma forma de castidade[16].

O próprio vocabulário latino comprova essa influência oriental:

> Las versiones de la *Vita Antonii* y las obras orientalizantes de Jerónimo y Casiano representaron, entre otras, un papel preponderante en la formación del lenguaje específico del monacato latino, compuesto de neologismos calcados sobre el griego, como *monachus*, *monasterium*, *anachoreta*, etc., y

[15] FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A idade média, nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.p.70-71.
[16] FRANCO JÚNIOR, Hilário Op.cit.,p.70.

> de innovaciones semasiológicas que se inspiran en el vocabulario bíblico, como *frater*, *religio*, *conversatio*, y tantas otras [17].

Apesar da influência do cristianismo oriental, é possível pensar que a *Regra* de alguma forma também tenha tido certo impacto no Oriente, como, por exemplo, os passos do *Código Justiniano* sobre a eleição dos abades, disciplina interna, gradualismo nas punições, que podem traduzir o espírito criado pelas normas beneditinas[18].

Importa considerar que os monges, ao menos num primeiro momento, eram leigos; sua escolha de reclusão, penitência e mortificação não implicava na necessidade do sacerdócio; mas como a vida litúrgica também se desenvolveu dentro dos mosteiros, Bento aos poucos foi impelindo os monges a se sagrarem sacerdotes para celebrarem os sacrifícios divinos; isto também foi necessário quando, após o Papa Gregório impulsionar os monges para ações apostólicas. Tal situação representou uma novidade importante para o cristianismo, a constituição de um clero dito "regular", sob um tipo determinado de regra, que estive paralelamente, mas em consenso com o clero "secular". Vale mencionar que, uma vez que nos mosteiros, sob a forte disciplinar regular, surgiram as principais personalidades (medievais) cristãs, sobretudo porque a alta Idade Média foi marcada pela proliferação dos mosteiros[19].

3 AS REGRAS MONÁSTICAS COMO CÓDIGO NORMATIVO DA VIDA

As regras surgiram com o monasticismo comunitário, devido a necessidades de ordem prática, e daí à sua disseminação. Em síntese, com a comunidade monacal, exigiu-se o estabelecimento de regras para os vários elementos da vida, como a regulação da hierarquia, a economia, direitos e deveres [20].

Segundo Paula Barata Dias,

[17] COLOMBÁS, García M. **El monacato primitivo.** Madrid: B.A.C., 2004. (BAC Normal, 588).p.213.
[18] DONINI, Ambrogio. **História do cristianismo**: das origens a Justiniano. Tradução Maria Manuela T. Galhardo. Lisboa: Edições 70, 1988. (Lugar da História, 10).
[19] DANIEL-ROPS [Henri Petiot]. **A igreja dos tempos bárbaros.** Tradução Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1991.
[20] DIAS, Paula Cristina Barata. **Regula monástica communis ou exhortatio ad monachos**? (séc. VII, Explicit): problemática, tradução, comentário. Lisboa: Colibri; Coimbra: FLUC, 2001. (Estudos, 34) p.18.

> As regras possuem um estilo seco, directo, destinado a ser facilmente compreendido pelo destinatário, dado o valor performativo do discurso regular [...].
>
> Com o alargar do fenómeno monástico, estes textos inspiraram o nascimento de outros, e foram eles próprios sendo modificados na sua estrutura formal, de modo a adquirirem a formulação regular tipificada que definimos. A intertextualidade é manifesta ao longo dos exemplares que a tradição monástica nos legou. As regras são, assim, interdependentes do ponto de vista da sua elaboração. As gerações posteriores apoiaram-se na experiência e nos textos legados pelas gerações anteriores. Assim, um legislador monástico, antes de fixar a sua regra, tinha lido e interiorizado duas ordens diferentes de textos: a *Lectio Diuina* e os textos monásticos precedentes, os que influíram na sua formação como monge[21].

As *Regulae* monásticas do cristianismo constroem-se em uma especificidade formal, revelam com isto uma intencionalidade que as particulariza na literatura cristã. Tal gênero literário é riquíssimo (desde a Antiguidade cristã à Alta Idade Média), e foi com o monge beneditino Bento de Aniano em sua *Concordia Regularum* – século IX, cerca de três séculos após a endemia monástica – que se registrou ao menos vinte e seis documentos que se enquadram como *Regulae*, delimitando assim uma tradição, única, específica e com diálogo próprio entre as regras[22].

Ainda de acordo com Paula Dias,

> O espírito disciplinador e de ordenação prática das regras monásticas, bem como as circunstâncias da sua produção, prolongada durante cerca de quatro séculos e em espaços tão diferentes entre si, como os desertos egípcios, a Gália, as montanhas do Bierzo ou as ilhas irlandesas, fariam certamente supor uma multiplicidade de disposições e uma grande heterogeneidade na composição das *Regulae*. Pelo contrário, a leitura e análise destes documentos permitem-nos constatar uma surpreendente homogeneidade formal e uma consonância de ideias propostos que contrariam as circunstâncias disseminadas de produção deste *corpus*. Este género possui uma intencionalidade e uma recepção que condicionam as suas características internas, as quais, desvalorizando bastante factores como entidade autoral e originalidade de composição, elevam o valor da dependência literária em relação a uma tradição precedente [23].

[21]DIAS, Paula Cristina Barata. **Regula monástica communis ou exhortatio ad monachos**? (séc. VII, Explicit): problemática, tradução, comentário. Lisboa: Colibri; Coimbra: FLUC, 2001. (Estudos, 34). p. 20-21
[22] Idem. p.21
[23] DIAS, Paula Cristina Barata. **Regula monástica communis ou exhortatio ad monachos**? (séc. VII, Explicit): problemática, tradução, comentário. Lisboa: Colibri; Coimbra: FLUC, 2001. (Estudos, 34) p.18.

Precedida por inúmeras regras monásticas, e inspiradas nestas, a regra beneditina representou um papel próprio ao pensar um ideal de vida monacal à necessidade e hábitos dos povos ocidentais:

> O essencial da Regra de São Bento está na sua moderação, no seu equilíbrio, na sua *discrição*, como diz São Gregório Magno; equilíbrio e moderação que se manifestam tanto na justa repartição do dia entre a oração, o trabalho e o repouso, como na sã aliança entre o trabalho físico e o intelectual. É um guia de vida à altura do homem, e que pode ser proposto a todo aquele que quiser seguir o caminho de Deus sem forçar a natureza.
>
> [...] Obra-prima suprema do espírito romano, elevada expressão do gênio cristão, a Regra de São Bento haveria de tornar-se um dos meios essenciais da obra de salvaguarda e organização que a Igreja assumiu após o caos das invasões [24].

São Bento confluía a praticidade romana com o espiritualismo oriental, isto é, seu mérito revela sua originalidade na ação com senso de medida e precisão pragmática para organizar a vida comum de um novo tipo de espiritualidade:

> A *Regra* nos parece sem dúvida já muito ocidental de espírito, não fora o que nela existe de herança da tradição jurídica romana, São Bento no entanto é ainda um santo de tipo bem oriental: também ele é taumaturgo pneumático, carismático, segundo a tradição inaugurada por Santo Antão. Não esqueçamos que sua *Regra* tem em vista apenas um regime de vida para iniciantes e que se capítulo LXXIII, e último, há de abrir uma perspectiva mais vasta: além deste simples "começo de vida monástica", *initium conversationis*, aconselha ao que aspira à vida perfeita que se ponha na escola dos antigos Padres, e nos remete às *Conferências*, às *Instituições* de João Cassiano, *Vidas* dos Padres do deserto, como também às *Regras* de São Basílio[25].

As fontes da Regra beneditina são principalmente as sagradas escrituras, assim como em autores cristãos como Pacômio, Basílio, Santo Agostinho, entre outros:

[24] DANIEL-ROPS [Henri Petiot]. **A igreja dos tempos bárbaros.** Tradução Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1991.p.280.
[25] MARROU, Henri. **Nova história da Igreja**. Tradução Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 1984. Vol. 1: Dos primórdios a São Gregório Magno.p.434.

> As fontes da *Regula* beneditina podem ser identificadas, antes de mais nada, na Escritura e, depois, em Pacômio, em Basílio, nas *Vitae Patrum*, em Agostinho, Cassiano etc. [...] O mérito principal da Regula de Bento parece consistir sobretudo no fato de ter realizado uma síntese completa das experiências monásticas precedentes, manifestando grande sabedoria, moderação e equilíbrio na organização da vida cenobítica [26].

O texto original da *Regra* está perdido, e deve ter sido escrito em um latim popular, em linguagem simples, mas foi modificado pelas transcrições e, sobretudo, após o "renascimento carolíngio" quando pretendeu dar um estilo mais elevado à redação[27].

Em sua Regra, são Bento propôs – num momento de crise e tribulação do mundo ocidental – um "códice" espiritual que apresenta um horizonte de universalidade que tenta unir a tradição romana (inclusive jurídica) com a experiência cristã, aberta as contribuições dos povos do norte[28].

São Bento, na sua Regra, apresenta preceitos acerca do comportamento humano estabelecendo uma nova maneira de ser social do homem. Forma esta que se pauta no cristianismo.

A Regra de São Bento é composta de um prólogo e setenta e três capítulos. No prólogo é apresentada uma catequese batismal. Depois, na primeira parte, são delineados os princípios constitutivos da vida monástica e as peculiaridades essenciais da espiritualidade (capítulos 1-7). Em uma segunda parte são expostas as normas sobre a oração em comum e a oração individual (capítulos 8-20). A terceira parte se refere às múltiplas situações em que se pode encontrar o monge que quer cumprir seus deveres com Deus, com o abade e com os irmãos no seio dessa comunidade que é a "escola de serviço do Senhor".

[26] ZINCONE, S. Bento de Núrsia. In: BERARDINO, Angelo Di (org.). **Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs**. Tradução Cristina Andrade. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002. p. 228.
[27] DONINI, Ambrogio. **História do cristianismo: das origens a Justiniano**. Tradução Maria Manuela T. Galhardo. Lisboa: Edições 70, 1988. (Lugar da História, 10).
[28] SINISCALCO, Paolo; PIZZANI, Ubaldo; BERARDINO, Angelo Di. Escritores de Italia. In: BERARDINO, Angelo Di (org.). Patrología IV: **Del concilio de calcedonia** (451) a Beda. Los Padres latinos. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

A rigor, toda normatização da vida monacal tinha como objetivo trilhar um programa para o "recto caminho que o monge devia seguir até à santificação" [29].

Com isso, as *Regulae* compõem-se de unidade e homogeneidade estrutural, tendo em vista a virtude monástica seja qual for a tarefa ou ação dentro da comunidade; assim, observa-se os capítulos como leis internas do mosteiro, um código:

> [...] um código jurídico-normativo intencionalmente pragmático, numa estrutura esquemática de pequenos capítulos, dedicado cada um a uma parcela das vivências do monge no cenóbio, disciplinando o seu quotidiano: as horas de prece, de trabalho, de oração e de leitura; a distribuição de tarefas; como devem ser admitidos os aspirantes a monges; como se deve proceder para com os faltosos; quais os cuidados a ter com os doentes, fracos ou idosos. Também se estabelecem as interdições e castigos para os infratores [30].

Henri Marrou chama os elaboradores das regras de "legisladores do monaquismo"[31].

4 AS NORMAS DA VIDA MONACAL NA REGRA DE SÃO BENTO

No prólogo da Regra, São Bento faz o convite para que se escute aos conselhos de um pai carinhoso; e que seja obediente, renunciando as próprias vontades, tornando-se assim um arauto de Cristo.

> [1] Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai, [2] para que voltes, pelo labor da obediência, àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência. [3] A ti, pois, se dirige agora a minha palavra, quem quer que sejas que, renunciando às próprias vontades, empunhas as gloriosas e poderosíssimas armas da obediência para militar sob o Cristo Senhor, verdadeiro Rei[32].

São Bento indica que existem quatro tipos de monges: os cenobitas que pertencem a um mosteiro sob a autoridade de uma Regra e de um abade; os anacoretas, ou seja, os

[29] DIAS, Paula Cristina Barata. **Regula monástica communis ou exhortatio ad monachos**? (séc. VII, Explicit): problemática, tradução, comentário. Lisboa: Colibri; Coimbra: FLUC, 2001. (Estudos, 34) p.20.
[30] Idem, p.19-20.
[31] MARROU, Henri. **Nova história da Igreja**. Tradução Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 1984. Vol. 1: Dos primórdios a São Gregório Magno.p.507.
[32] BENTO, Santo. **A regra de São Bento**. Tradução João Evangelista Enout, OSB. Nova Friburgo,RJ: Mosteiro Santa Cruz, 2009.prol. 1-3

eremitas; os sarabaítas e os giróvagos. Mas, "a comunidade cenobítica no ideal de S. Bento se fundamenta na autoridade do abade. Com efeito, os monges se submetem a ele, vinculados pelo voto de estabilidade no próprio convento"[33].

A palavra 'abade' dentro do monasticismo (no caso o oriental primeiramente) é alusão ao aramaico *abbâ* e significa 'pai' [grego *αββας*, e latim *abbas*], e era tratamento dado ao monge mais velho e/ou venerável; com o desenvolvimento do movimento monástico passou a definir o superior do mosteiro, isto é, demonstrando a institucionalização do líder religioso[34].

Para São Bento, o abade deve ser digno para presidir o mosteiro, devendo ensinar e mandar conforme os preceitos do Senhor. O abade será o responsável por suas ovelhas, mas deve pensar sempre "que recebeu almas a dirigir, das quais deverá também prestar contas" (*Regra*, 2, 34)[35]. E "no dia do juízo, deverá prestar contas ao Senhor das almas de todos eles, e mais, sem dúvida também da sua própria alma" (*Regra*, 2, 38)[36]. Cabe a ele mostrar as coisas boas e santas mais com as ações do que com as palavras:

> [11] quando alguém recebe o nome de Abade, deve presidir a seus discípulos usando de uma dupla doutrina, [12] isto é, apresente as coisas boas e santas, mais pelas ações do que pelas palavras, de modo que aos discípulos capazes de entendê-las proponha os mandamentos do Senhor por meio de palavras, e aos duros de coração e aos mais simples mostre os preceitos divinos pelas próprias ações. (*Regra*, 2, 11-12)[37].

Isto é, do abade dependia diretamente a ordem na comunidade:

> [1] Conservem os monges no mosteiro a sua ordem, conforme o tempo que têm de vida monástica, o merecimento da vida e conforme o Abade constituir. [2] Que o Abade não perturbe o rebanho que lhe foi confiado, nem usando como que de livre poder, disponha alguma coisa injustamente: [3] mas lembre-se sempre de que deverá prestar contas a Deus de todos os seus juízos e obras. [4] Portanto, segundo a ordem que ele tiver estabelecido

[33] ZINCONE, S. Bento de Núrsia. In: BERARDINO, Angelo Di (org.). **Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs**. Tradução Cristina Andrade. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.p.228.
[34] PRICOCO, Salvatore. Abade, abadessa. In: DI BERARDINO, Angelo (org.). **Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs.** Tradução Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.
[35] BENTO, Santo. **A regra de São Bento**. Tradução João Evangelista Enout, OSB. Nova Friburgo,RJ: Mosteiro Santa Cruz, 2009.regra 2-34.
[36] Ibid. regra 2,38.
[37] Ibid. regra 2, 11,12.

> ou que tiverem os irmãos, apresentem-se estes para a Paz, para a comunhão, para entoar os salmos, para estar no coro (*Regra* 63, 1-4)[38].

Possui, portanto, a difícil tarefa de:

> [31] ... reger as almas e servir aos temperamentos de muitos; a este com carinho, àquele, porém, com repreensões, a outro com persuasões [32] segundo a maneira de ser ou a inteligência de cada um, de tal modo se conforme e se adapte a todos, que não somente não venha a sofrer perdas no rebanho que lhe foi confiado, mas também se alegre com o aumento da boa grei (*Regra*, 2, 31-32)[39].

Uma das atitudes fundamentais para se conquistar a humildade é a obediência, sendo esta própria daqueles que não existe nada mais preciso do que Cristo. Pela obediência não se vive segundo seu próprio arbítrio, desejos e prazeres. Também se deve observar a importância do silêncio, pois "falar e ensinar compete ao mestre; ao discípulo convém calar e ouvir" (*Regra*, 6, 6)[40].

Segundo a Regra, para se alcançar a suprema humildade, e assim "[5] chegar rapidamente àquela exaltação celeste para a qual se sobe pela humildade da vida presente, [6] deve ser erguida, pela ascensão de nossos atos" (*Regra*, 7, 5-6)[41]. Isso quando se tem o coração humilde.

No entanto, é preciso fazer sempre uma oração insistente para que as ações se tornem perfeitas. Ora, o caminho da verdadeira vida, indicado pelo Senhor, segundo a Regra, é afastar-se do mal, praticar o bem, procurar a paz e que a língua não diga maledicências e falsidades. Para habitar a tenda do Senhor é preciso a fé e a observância das boas obras, tendo como fio condutor o Evangelho:

> [21] Cingidos, pois, os rins com a fé e a observância das boas ações, guiados pelo Evangelho, trilhemos os seus caminhos para que mereçamos ver aquele que nos chamou para o seu reino. [22] Se queremos habitar na tenda real do acampamento desse reino, é preciso correr pelo caminho das boas obras, de outra forma nunca se há de chegar lá. [23] Mas, com o profeta,

[38] BENTO, Santo. **A regra de São Bento**. Tradução João Evangelista Enout, OSB. Nova Friburgo,RJ: Mosteiro Santa Cruz, 2009.regra 2,31-32.
[39] Ibid,.regra 2,31-32
[40] Ibid. regra, 6, 6.
[41] Ibid. regra, 7,5-6.

> interroguemos o Senhor, dizendo-lhe: "Senhor, quem habitará na vossa tenda e descansará na vossa montanha santa?". [24] Depois dessa pergunta, irmãos, ouçamos o Senhor que responde e nos mostra o caminho dessa mesma tenda, [25] dizendo: "É aquele que caminha sem mancha e realiza a justiça; [26] aquele que fala a verdade no seu coração, que não traz o dolo em sua língua, [27] que não faz o mal ao próximo e não dá acolhida à injúria contra o seu próximo". (*Regra*, prol. 21-27)[42].

Conforme está escrito na Regra, o Senhor espera que se responda com ações os seus conselhos e que emendemos os nossos males, pois ele não deseja a morte do pecador, mas que ele se converta e tenha vida. Para isso:

> [39] Como, pois, irmãos, interrogássemos o Senhor a respeito de quem mora em sua tenda, ouvimos em resposta, qual a condição para lá habitar: a nós compete cumprir com a obrigação do morador! [40] Portanto, é preciso preparar nossos corações e nossos corpos para militar na santa obediência dos preceitos; [41] e em tudo aquilo que nossa natureza tiver menores possibilidades, roguemos ao Senhor que ordene a sua graça que nos preste auxílio. (*Regra*, prol. 39-41)[43].

Para tanto, é preciso:

> [45] Devemos, pois, constituir uma escola de serviço do Senhor. [46] Nesta instituição esperamos nada estabelecer de áspero ou de pesado. [47] Mas se aparecer alguma coisa um pouco mais rigorosa, ditada por motivo de eqüidade, para emenda dos vícios ou conservação da caridade [48] não fujas logo, tomado de pavor, do caminho da salvação, que nunca se abre senão por estreito início. [49] Mas, com o progresso da vida monástica e da fé, dilata-se o coração e com inenarrável doçura de amor é percorrido o caminho dos mandamentos de Deus. [50] De modo que não nos separando jamais do seu magistério e perseverando no mosteiro, sob a sua doutrina, até a morte, participemos, pela paciência, dos sofrimentos do Cristo a fim de também merecermos ser co herdeiros de seu reino. (*Regra*, prol. 45-50)[44].

Em sua Regra, no capítulo 4, São Bento indica quais são os instrumentos das boas obras e o que é necessário para o convívio social e o bem comum. Segue abaixo algumas delas:

> 1. Primeiramente, amar ao Senhor Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças. 2. Depois, amar ao próximo como a si mesmo. 3. Em

[42] BENTO, Santo. **A regra de São Bento**. Tradução João Evangelista Enout, OSB. Nova Friburgo,RJ: Mosteiro Santa Cruz, 2009 regra, prol. 21-27.
[43] Ibid. regra, prol. 39-41.
[44] Ibid. regra, prol. 45-50.

> seguida, não matar. 4. Não cometer adultério. 5. Não furtar. 6. Não cobiçar. 7. Não levantar falso testemunho. 8. Honrar todos os homens. 9. E não fazer a outrem o que não quer que lhe seja feito. 10. Abnegar-se a si mesmo para seguir o Cristo. [...] 18. Socorrer na tribulação. [...] 22. Não satisfazer a ira. 23. Não reservar tempo para a cólera. 24. Não conservar a falsidade no coração. [...] 26. Não se afastar da caridade. [...] 29. Não retribuir o mal com o mal. 30. Não fazer injustiça, mas suportar pacientemente as que lhe são feitas. [...] 36. Não ser guloso. [...] 38. Não ser preguiçoso. [...] 48. Vigiar a toda hora os atos de sua vida. [...] 51. Guardar sua boca da palavra má ou perversa. [...] 56. Dar-se freqüentemente à oração. [...] 59. Não satisfazer os desejos da carne. [...] 65. Não odiar a ninguém. [...] 67. Não exercer a inveja[45].

São Bento também estabelece normas para a oração individual e para a oração em comum:

> [1] Se queremos sugerir alguma coisa aos homens poderosos, não ousamos fazê-lo a não ser com humildade e reverência; [2] quanto mais não se deverá empregar toda a humildade e pureza de devoção para suplicar ao Senhor Deus de todas as coisas? [3] E saibamos que seremos ouvidos, não com o muito falar, mas com a pureza do coração e a compunção das lágrimas. [4] Por isso, a oração deve ser breve e pura, a não ser que, por ventura, venha a prolongar-se por um afeto de inspiração da graça divina. [5] Em comunidade, porém, que a oração seja bastante abreviada e, dado o sinal pelo superior, levantem-se todos ao mesmo tempo. (Regra, 20, 1-5)[46].

Além dessas questões, a Regra também aponta como se deve proceder com relação ao monge que comete falta:

> [1] Se houver algum irmão teimoso ou desobediente, soberbo ou murmurador, ou em algum modo contrário à santa Regra, e desprezador dos preceitos dos seus superiores, [2] seja ele admoestado, conforme o preceito de nosso Senhor, a primeira e a segunda vez, em particular pelos seus superiores. [3] Se não se emendar, seja repreendido publicamente, diante de todos. [4] Se porém, nem assim se corrigir sofra a excomunhão, caso possa compreender o que seja essa pena. [5] Se, entretanto, está de ânimo endurecido, seja submetido a castigo corporal. (*Regra*, 23, 1-5)[47].

No entanto, o abade deve se preocupar com os monges excomungados (devido às faltas) de um modo atencioso, cuidando para que nenhuma "ovelha" se perca.

[45] BENTO, Santo. **A regra de São Bento**. Tradução João Evangelista Enout, OSB. Nova Friburgo,RJ: Mosteiro Santa Cruz, 2009.
[46] Ibid. regra, 20, 1-5.
[47] Ibid. regra,23,1-5.

De acordo com a Regra os monges não devem possuir nenhuma propriedade e tudo deve ser comum a todos:

> [1] Especialmente este vício deve ser cortado do mosteiro pela raiz; [2] ninguém ouse dar ou receber alguma coisa sem ordem do Abade, [3] nem ter nada de próprio, nada absolutamente, nem livro, nem tabuinhas, nem estilete, absolutamente nada, [4] já que não lhes é lícito ter a seu arbítrio nem o próprio corpo nem a vontade; [5] porém, todas as coisas necessárias devem esperar do pai do mosteiro, e não seja lícito a ninguém possuir o que o Abade não tiver dado ou permitido. [6] Seja tudo comum a todos, como está escrito, nem diga nem tenha alguém a presunção de achar que alguma coisa lhe pertence. (*Regra*, 33, 1-6)[48].

Para que todos os membros da comunidade permaneçam em paz devesse repartir as coisas necessárias de maneira igual, dando a cada um conforme lhe é necessário.

Com relação ao trabalho manual de cada um, São Bento afirma que ficar sem fazer nada é prejudicial para a alma, por isso, em determinadas horas os monges devem ocupar-se do trabalho manual, enquanto que em outras horas se ocupam da Leitura Divina. Um monge mais velho deve ser designado para percorrer o mosteiro nas horas das leituras para observar se há algum monge sem fazer nada ou conversando, pois isso além de ser inútil para si prejudica os outros. Para àqueles monges que não conseguem ler ou meditar deve ser dado um trabalho para que não fiquem desocupados.

Sobre as roupas e os calçados São Bento assim determina na Regra:

> [1] Sejam dadas vestes aos irmãos de acordo com as condições e temperatura dos lugares em que habitam [2] porque, nas regiões frias, tem-se necessidade de mais, e nas quentes, de menos. [3] Cabe ao Abade a consideração disso. [4] Cremos, porém, que, para os lugares de temperatura mediana, aos monges são suficientes uma cogula e uma túnica para cada um: [5] a cogula felpuda no inverno, fina ou mais usada no verão, [6] e um escapulário para o trabalho; para os pés: meias e calçado. [(*Regra*, 55, 1-6)[49].

[48] BENTO, Santo. **A regra de São Bento**. Tradução João Evangelista Enout, OSB. Nova Friburgo,RJ: Mosteiro Santa Cruz, 2009. regra, 33, 1-6.
[49] Ibid. regra, 55,1-6.

Mas, quando recebem roupas novas, as velhas devem ser devolvidas, para que depois sejam doadas aos pobres. É suficiente que o monge tenha duas túnicas e duas cogulas para que possam ser lavadas.

Quando alguém se candidata a vida monástica e possui algum bem "[24] os distribua antes aos pobres, ou, por solene doação, os confira ao mosteiro, nada reservando para si de todas essas coisas: [25] pois sabe que, deste dia em diante, nem sobre o próprio corpo terá poder" (*Regra*, 58, 24-25)[50].

Os monges devem ter um bom zelo, que deve ser exercido com amor, tais como honrar uns aos outros, suportar as fraquezas corporais e moral, obediência mútua, seguir o que é útil não somente para si, mas ao outro, entregando-se ao amor fraterno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, a história do monasticismo ocidental é marcado por dois fatores: (1) o desenvolvimento e multiplicação dos mosteiros/conventos e (2) o predomínio dos beneditinos nesse processo[51]. De fato, a Regra de São Bento suplantou as regras precedentes. Sua dinamicidade lhe garantiu longevidade e fama no medievo, os três votos (pobreza, obediência e estabilidade), sobretudo o segundo voto, que colocou ordem ao impor como obrigação a permanência no convento que o pretendente a monge havia escolhido; não só, importa destacar que Bento atribuiu ao abade o direito de determinar os pormenores internos do mosteiro que comandava.

São Bento faz uma sintetize do itinerário espiritual de conversão a Deus por meio da obediência, tendo como guia Cristo, cujo amor deve estar acima de toda coisa. Supervaloriza-se a humildade, da qual provém a disponibilidade total em conformar a própria vontade com a de Deus. Quanto à espiritualidade beneditina é fundamental a celebração do oficio divino e a

[50] BENTO, Santo. **A regra de São Bento**. Tradução João Evangelista Enout, OSB. Nova Friburgo,RJ: Mosteiro Santa Cruz, 2009. regra,58,24-25.
[51] DANIEL-ROPS [Henri Petiot]. **A igreja dos tempos bárbaros.** Tradução Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1991

síntese equilibrada entre oração e trabalho manual e o intelectual centrado na leitura dos textos sagrados.

A sua proposta pedagógica de vida pode ser apreendida pela Regra que legisla sobre as coisas necessárias para o convívio social e o bem comum. Essas normas que tratam de diversos assuntos tais como disciplina, oração, trabalho, hierarquia, dentre outros, ordenam a vida dos monges e também da sociedade, ajudando os homens a dirigir suas ações. Os mosteiros adquirem assim uma função muito importante nesse novo período marcado pela violência e pela ausência de regras e leis no interior daquilo que restou do mundo romano.

> A comunidade devia ser auto-suficiente e não se basear demasiado nas contribuições dos ricos, que visavam condicioná-la. A produção agrícola descera a um nível bastante baixo; os novos métodos de alqueive e de cultivo dos campos, introduzidos pelos beneditinos, melhoraram as condições económicas da Europa ocidental, até que o convento se transformou num castelo feudal, com os seus servos da gleba, não melhor tratados do que os outros[52].

Assim, os mosteiros foram os locais reservados para àqueles que se retiravam da sociedade para buscar o desenvolvimento do espírito e a verdade da fé. Desse modo, pretendiam ser uma escola "do Senhor" dedicada às verdades divinas. Portanto, os mosteiros foram de grande importância para o desenvolvimento da nova filosofia cristã. Além disso, foi por meio destes locais que os escritos da Antiguidade (sagrado ou profano) foram preservados.

6 REFERÊNCIA

BENTO XVI. **São Bento de Núrcia.** Audiência Geral de 09 de abril de 2008, Vaticano. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409_po.html>. Acesso em: 11 de mar. de 2011.

BENTO, Santo. **A Regra de São Bento.** Tradução João Evangelista Enout, OSB. Nova Friburgo,RJ: Mosteiro Santa Cruz, 2009.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal.** Tradução Liz Silva. Lisboa: Edições 70, 2009. (Lugar da História, 6).

[52] DONINI, Ambrogio. **História do cristianismo: das origens a justiniano**. Tradução Maria Manuela T. Galhardo. Lisboa: Edições 70, 1988. (Lugar da História, 10).p.281.

COLOMBÁS, García M. **El monacato primitivo.** Madrid: B.A.C., 2004. (BAC Normal, 588).

DANIEL-ROPS [Henri Petiot]. **A Igreja dos tempos bárbaros.** Tradução Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1991.

DIAS, Paula Cristina Barata. **Regula monástica communis ou exhortatio ad monachos?** (séc. VII, Explicit): problemática, tradução, comentário. Lisboa: Colibri; Coimbra: FLUC, 2001. (Estudos, 34).

DONINI, Ambrogio. **História do cristianismo:** das origens a Justiniano. Tradução Maria Manuela T. Galhardo. Lisboa: Edições 70, 1988. (Lugar da História, 10).

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média, nascimento do Ocidente.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

GRIBOMONT, Jean. Anacoreta. In: DI BERARDINO, Angelo (org.). **Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs.** Tradução Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.

_____, Jean. Mosteiro. In: BERARDINO, Angelo Di (org.). **Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs.** Tradução Cristina Andrade. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.

GUERREAU, Alain. **O feudalismo:** um horizonte teórico. Tradução António José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 19--. (Lugar da História, 17).

MARROU, Henri Irénée. **História da Educação na Antigüidade.** Tradução Mário Leônidas Casanova. São Paulo: E.P.U., 1990.

_____, Henri. **Nova história da Igreja.** Tradução Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 1984. Vol. 1: Dos primórdios a São Gregório Magno.

PRICOCO, Salvatore. Abade, abadessa. In: DI BERARDINO, Angelo (org.). **Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs.** Tradução Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.

SINISCALCO, Paolo; PIZZANI, Ubaldo; BERARDINO, Angelo Di. **Escritores de Italia.** In: BERARDINO, Angelo Di (org.). **Patrología IV:** Del Concilio de Calcedonia (451) a Beda. Los Padres latinos. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade da Idade Média Ocidental:** séc. VIII-XIII. Tradução Teresa Antunes Cardoso. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. (Nova História, 26).

ZINCONE, S. Bento de Núrsia. In: BERARDINO, Angelo Di (org.). **Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs.** Tradução Cristina Andrade. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.